

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

Com

Eva Chow Belezia

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2014

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Eva Chow Belezia é professora coordenadora de projetos na Cetec e por ter conhecimento que esta foi professora do curso para licenciatura de professores da educação profissional institucional conhecido como Esquema I, e devido a intenção de escrever um artigo sobre o Instituto Pedagógico do Ensino Industrial, criado em 1958, pelo segundo Superintendente da Educação Profissional, Arnaldo Laurindo, decidiu-se convidar a professora Eva para uma entrevista para melhor compreender a formação de professores no Centro Paula Souza.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: No Edifício Paula Souza, na Praça Cel. Fernando Prestes, 74 – Bom Retiro, São Paulo/SP, na antiga sala da Superintendência do Centro Paula Souza, desativada em 2013.

Data: 28 de março de 2014

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 44 minutos

Número de vídeos: um

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 12

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi realizada em 28 de março de 2014, dentro do Programa de História Oral na Educação iniciado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP), em 2013. No entanto, a transcrição da entrevista aconteceu, em 2014, e agora decidiu-se integrar essa entrevista ao projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” (projeto Cetec 8.4.02.02/2018), afim de começar a colher subsídios para a comemoração do cinquentenário do Centro Paula Souza, em 2019. Para esse projeto propôs-se envolver docentes que atuam no GEPEMHEP com projetos de HAE, empregando a história oral como metodologia de pesquisa, e participando de duas capacitações – os Clubes de Memórias XXIX e XXX, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018. Como a professora Eva Chow Belezia é professora originária da escola agrícola - Etec Dr. Dario Pacheco Pedroso, de Taquarivaí, e coordenadora de projetos de escolas agrícolas durante muito tempo na Cetec, e atua com a formação de professores, por meio de cursos a distância, fiz um convite para lhe entrevistar dentro da linha de pesquisa “História da profissão docente”.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 14 de julho de 2014.

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

MLMC: Bom dia Eva Chow. Em primeiro lugar, quero agradecer por você estar concedendo essa entrevista hoje, no dia 28 de março de 2014, aqui na antiga sede do Centro Paula Souza, mas onde ainda funcionam vários setores da nossa instituição. Esta entrevista é para o projeto que nós estamos desenvolvendo sobre a “História da Profissão Docente” e você como formadora de professores, eu acho que tem muito a contribuir com o nosso projeto. Eu gostaria de inicialmente, por trabalhar com história oral de vida, eu gostaria que você contasse um pouco da sua formação, como chegou ao Centro Paula Souza, e como começou a atuar com projetos.

ECB: Bom dia e obrigada pela oportunidade. Na verdade, é uma longa experiência e eu acho que já posso ser considerada um patrimônio. Eu nasci em Hong Kong, na China. Na verdade, quando eu nasci, ainda Hong Kong não fazia parte da China, e depois foi incorporada, vim para o Brasil com a minha família. A minha família: meu pai, minha mãe e três irmãs. Foram 33 dias de viagem no navio. Eu tinha seis anos de idade e para mim foi muito legal. Eu me lembro dessa viagem, a gente viajou na terceira classe, no porão mesmo do navio. Como a gente era criança e não respeitava muito as regras e saía pelo navio e andava no cover. Foi uma viagem

longa, por que saindo de Hong Kong e vai costeando pela África, para depois chegar ao Atlântico e chegar ao Rio de Janeiro. Eu sempre gosto de registrar, em Hong Kong a gente via chineses, e a primeira vez que eu vi um negro na minha vida foi na África e mesmo a gente tendo contato com os africanos e com os negros, não misturar, e aquele contato de não misturar e eu achei: - aquelas roupas coloridas deles, e eu gostei muito disso.

ECB: Bem nós chegamos, em fevereiro, no Rio de Janeiro, no carnaval. Imagina uma cultura chinesa chegando em pleno carnaval. Depois a gente fez a viagem para Santos, e partir daí eu estou no Brasil, e eu sou muito mais brasileira do que chinesa. Incorporei mesmo essa coisa: - nós viemos para o Brasil e sempre moramos em São Paulo. Eu sempre estudei em escolas públicas: - minto, eu estudei no Colégio Estadual de São Paulo. Mas eu fiz o meu segundo e, terceiro ano, científico no Colégio Bandeirantes. Depois disso, eu fui fazer vestibular e eu entrei na Faculdade de Agronomia e fui para Luiz de Queiroz, em Piracicaba. Por que escolhi Agronomia? Sendo uma pessoa mais jovem. Na época, de família urbana e nada a haver com o campo. Daí tem uma coisa que eu acho interessante, é que durante o todo o tempo que eu trabalhei no ensino técnico, eu sempre vi com muita pena os alunos que queriam fazer ensino técnico, já com a responsabilidade de saber o que eles queriam da vida, de que profissão eles queriam ser: - eu acho que a gente é muito novo para ter certeza do que quer. Para saber se quer ser um técnico agrícola, em eletrônica ou em nutrição. E eu fui fazer Agronomia sem saber que eu queria ser engenheira agrônoma e depois eu fui saber que tinha a ver comigo, e eu tinha 18 anos.

MLMC: Eu não sabia se eu queria ser Química ou Engenheira Química.

ECB: Pelo menos estava na área. Eu estava pensando se eu queria fazer Medicina, porque minha irmã fazia medicina. Eu fui junto com elas para Piracicaba, e elas foram jogar contra a ESALQ, e eu achei tão bonita aquela faculdade. Achei tão linda e gostei tanto, que eu disse: - vou terminar o colegial e venho estudar aqui. E por sorte eu me encontrei nisso e realmente trabalhei mesmo na área. Fui fazer Agronomia. E mesmo durante da faculdade eu fiz estágio na área de extensão rural e trabalhei no departamento de sociologia com os professores, em projeto na área de preservação, e quando me formei fui trabalhar, naquela região chamada Alto Vale do Ribeira.

MLMC: Cheguei pertinho lá, eu estava com projeto em Taquarivaí.

ECB: Depois disso, comecei em 1975, fiquei um ano lá, e depois, em São Paulo. Daí eu sai e fui trabalhar na Cooperativa Agrícola de Cotia, em assistência técnica, e em um projeto de assentamento no programa. Ainda, mas a gente tinha uns programas de assentamentos, e foram esses que desenvolveram os projetos que levaram os agricultores para a Bahia, e eu trabalhei nesse projeto. Depois disso, fui ser produtora rural, fiquei cinco anos em Piedade, num sítio, e fiquei lá trabalhando com calos nas mãos, e realmente você: - não é fácil. Mas eu acho que você tem que vivenciar e pôr a mão na massa mesmo, trabalhar sete dias na semana.

MLMC: Eu acho interessante o que você falou, por que eu também tive empresa por dez anos, em sociedade, exatamente com essa sensação: - se eu tivesse uma indústria química como seria?

ECB: Eu acho que acrescenta muito, mas foi muito duro. Depois disso, eu fui para Itapeva, por que a família do Murilo é de Itapeva. Então a gente foi para lá, e então

eu comecei a dar aula na escola técnica. Isso foi em 1983. E aí eu comecei a dar aula, em Taquarivaí. É aí que eu vejo como é importante o professor de escola técnica: - ter sido agricultor, ter o seu próprio negócio, não importa: - isso é importante, a gente consegue ter um diálogo mais convincente com os alunos.

MLMC: Eu gosto de trabalhar com educação profissional, porque eu trabalhava com técnicos e com pessoal com cursos superiores, e eu via a importância do técnico para o sistema produtivo.

ECB: Em 1983, eu estava na escola de Itapeva, que agora é Taquarivaí. Naquela época, Taquarivaí era distrito de Itapeva, e fiquei lá até 1991. Em 1991, eu recebi uma proposta para fazer um projeto aqui em São Bernardo. Eles estavam com uma escola, e eles queriam trabalhar um pouco a parte agrícola, e desenvolver alguma coisa agrícola. Eles tinham comprado um clube e a escola funcionava perto da fábrica. E eles compraram um clube e era uma área muito grande. Eles queriam fazer alguma coisa agrícola com os alunos de uma escola de primeiro grau. E daí ele me convidou para fazer esse projeto, e fiquei um ano lá: - da pré-escola até a quinta série. Mas foi muito legal, e me convenceu que eu não queria ter filhos, porque criança é muito bom, mas a gente não pode ficar com criança tempo integral. Mas foi muito legal por que era o momento que as crianças iam para a horta e a gente conseguiu despertar muita coisa interessante.

MLMC: Mas a gente não fica mesmo o tempo integral. Mas eu nunca tinha pensando nisso, que é tão saudável não ficar. Eu não fiquei o tempo todo, mas acho que não é bom ficar o tempo todo.

ECB: É melhor a gente cuidar dos filhos dos outros. Daí eu fiquei um ano, em São Bernardo. Depois disso eu fui trabalhar na DISAETE ligado à Secretaria da Educação. Em 1991, as escolas passaram da Educação para a Ciência e Tecnologia, e aí comecei a trabalhar aqui, em São Paulo, na DEET. Nessa época, a gente começou a trabalhar a cooperativa-escola. Em 1993, por decreto as escolas técnicas, todas, passaram para o Centro Paula Souza. E nós fizemos parte do pacote.

MLMC: Então você trabalhou com o professor Heméritos? Com o professor Almério?

ECB: Trabalhei com o Heméritos.

ECB: Não, o Almério, na época era Paula Souza. O Heméritos era da DEET. E o Heméritos ficava na parte da indústria e a gente tinha uma equipe que ficava com as escolas agrícolas. Dessa equipe quem ficou é o Rolim, ele era diretor de Cerqueira Cesar. E aí, em 1993, a gente veio para cá. Mas em 1992, a gente já discutia a cooperativa-escola. Naquela época, o Secretário de Ciência e Tecnologia chamou a equipe agrícola, e lançou um desafio: - eu quero uma proposta, porque para todo mundo a escola agrícola era algo estranho. Então o secretário disse que queria uma proposta. As escolas agrícolas sempre tiveram uma particularidade: - eu quero uma proposta para as escolas agrícolas da rede. A gente pensou nas cooperativas, que era uma experiência, que já existiu, e que continuava nas escolas técnicas federais. A gente falou no Paula Souza, mas com uma proposta, e na época era com professora Marisa (Fumanti), que era a coordenadora do técnico, e o professor Elias, que era o superintendente, e aí eles encamparam essa proposta, a gente conseguiu apoio da cúpula e o Centro Paula Souza começou isso. Foi em 1994.

MLMC: Você quantos anos ficou nas escolas agrícolas?

ECB: Na verdade eu não me desliguei, a gente tinha o projeto em implantação, havia um acompanhamento mais de perto. Até por conta das capacitações, etc. Depois disso, as escolas começaram a caminhar por conta própria, eu mesmo dava apoio quando precisava. Mas eu acompanho, e eu mesmo aprendi muito com a proposta. Eu acredito muito na proposta porque em princípio a ideia é que o aluno possa participar ativamente. De forma mais democrática, de gestão dos projetos da escola. Não seja o peão só o que sabe ler e escrever. Mas que seja um administrador social.

MLMC: Também as práticas que ele vivência.

ECB: Eu acho que é uma superferramenta. Ele avalia se deu certo. Então é isso. E isso é um pouco da minha história.

MLMC: Mas tem uma parte de sua história que está relacionada com o nosso projeto. Eu me lembro: - que quando retomou a formação de professores no Esquema, você foi uma das professoras. Até se você puder contar um pouco: - por que retomou esse trabalho do Esquema?

ECB: Tem uma história que eu não vivenciei, por que eu estava na Secretaria da Educação nessa época. O Esquema funcionou de 1977 a 1997, foram vinte anos, porque a Fatec dava o curso de Esquema. A Fatec e a pós-graduação, e que era a professora Helena Peterossi, e que era a coordenadora de projetos. Esse curso funcionou durante vinte anos, em 1997 parou. E em 1998 e 1999 teve. Eu me lembro: - que os nossos professores da Paula Souza participaram via Fatec. Mas já era um programa especial.

MLMC: Eu me lembro de professores comentarem isso nas entrevistas.

ECB: Daí parou de novo, não sei muito bem por que parou. Eu acho que: - a minha sugestão é falar com o José Vitório ou com a própria professora Helena para dizer por que parou. Eu sei que parou, em 1999, e retomou, em 2007, com um programa do professor Heméritas. Como programa capacitou um número muito grande. Foram três anos, três cursos, e assim foi, até 2011-2012, e eu fui professora de uma disciplina de metodologia de ensino. No final do curso nós lançamos um livro. Eu imagino que o Esquema é muito importante. Mas eu acho que o professor ficar sofrendo todo sábado, por que a gente trabalha de segunda a sexta, e muitas vezes a gente via o professor chegando e dizendo: - dei aulas até onze e meia. E ele vinha de Sorocaba, de Capão Bonito, de Itapeva. Chegava às seis horas da manhã. Era muito cansativo. E aí em 2010, a gente apresentou uma proposta: - o Centro Paula Souza apresentou para o governo federal, por que tinha o Programa do Brasil Profissionalizado, porque a gente propunha um curso de formação de professores à distância para os professores. Esse projeto foi aprovado por parte do MEC, e com uma missão que eles estavam acompanhando de perto, e se desse certo, poderia ser implantado em todo o Brasil.

ECB: Mas não foi fácil de implantar, teve uma série de etapas. O Centro Paula Souza não era credenciado para o curso superior a distância, nós tínhamos credenciamento para os cursos técnicos, e todo esse processo de credenciamento, levou uns três anos. Então o curso começou esse ano. Ele estava aprovado, em 2011, mas começou esse ano, em 2014.

MLMC: Os cursos a distância às vezes, eu acho que eles são mais trabalhosos que os cursos presenciais. Eu fiz um curso da FAO muito bom de Segurança Alimentar, mas trabalhei que nem louca lendo material para participar dos fóruns. Agora estou fazendo um curso no Arquivo do Estado para trabalhar com memórias em sala de aula, tem muito material. Inclusive, estou tendo dificuldade de ler todo esse material, porque devido aos nossos projetos no Centro Paula Souza, que tomam tempo, inclusive à noite. E daí eu fico pensando no nosso professor: - se para esse curso fazem um balanceamento? Quem coordena pensa nesse material? Qual a participação no fórum? Por que isso é também uma dificuldade.

ECB: A tendência da gente é lotar o professor com material para ler. A gente tem que ter muito cuidado. Mas na verdade a coordenação pedagógica é da Fatec São Paulo, a certificação é pela Fatec SP, e a execução está a cargo da Cetec. O trabalho é feito em três partes.

MLMC: O currículo é o mesmo?

ECB: É uma proposta diferente. Tem muitas pessoas que foram reprovadas em algumas disciplinas. E aí eles querem fazer o aproveitamento do curso. E a gente explica para eles que não é possível, o programa é diferente, o curso não é o mesmo. O conteúdo ficou integrado em muitas disciplinas e ele está mais transversalizado. Então não dá para a gente fazer um aproveitamento de estudos. O curso está diferente.

MLMC: Até por que as práticas escolares para um trabalho em equipe os resultados são diferentes.

ECB: É muito difícil. Colegas nossos ficam muito desapontados. Há um comentário: - eu tenho didática ou eu fui reprovada em didática. Eu não tenho mais uma disciplina chamada didática.

MLMC: Tinham três núcleos?

ECB: É mais ou menos: - são dois módulos, e são cinco disciplinas, e que era o estágio, agora é chamado de Práticas Pedagógicas, e tem um acompanhamento desde o começo e, começou há três semanas no estado de São Paulo.

MLMC: No estado de São Paulo, é só para os nossos professores ou é aberto?

ECB: Nós temos por força do convênio que oferecer 10% das vagas para professores externos. São 600 vagas e mais 600 para o ano que vem. É o nosso projeto para 1200 vagas. Têm 24 tutores, 24 orientadores para os TCCs (trabalhos de conclusão de curso) e os professores presenciais.

MLMC: Os encontros presenciais são cursos regionais?

ECB: São três turmas juntas, do interior. Na verdade, São Paulo acaba sendo num círculo de 200 km.

MLMC: E a certificação ele recebe em cima da graduação? Como funciona?

ECB: Então a equipe estudou bastante a legislação. Mas a legislação não diz que tem que ser em cima da graduação. Então a certificação vai ser para o ensino profissional. Não faz muito sentido hoje, do jeito que estão à dinâmica da matriz

curricular e, as disciplinas mudam de novo, e daí fica aquela complicação, atribui ou não atribui, ou então era por área. Mas agora como educação profissional técnica, o seu currículo é que vai dizer se permear, se você pode ou não dar aula de eletrônica.

MLMC: Se você trabalha de forma transversal, o conhecimento é muito mais amplo e não tem muito sentido manter por disciplinas?

ECB: A gente esperava que algum dia, a gente conseguiria, evoluir e ter uma matriz de conhecimento que fosse por área: - e não matemática, inglês ou de ciências da natureza.

MLMC: Como o Anísio Teixeira queria na década de 1950. Eu estou estudando isso porque agora que nós estamos começando a implantação do Centro de Memória aqui na sede. E o primeiro passo para começar a organizar é em cima do organograma, da estrutura, e a história da educação é por disciplina. E agora estamos trabalhando com os eixos de uma forma mais ampla. Depois que implanta tem que seguir, não dá na área administrativa para voltar, ficar num vai e vem. Por isso achei interessante, vocês estarem com essa proposta.

ECB: Aliás, foi proposta que o professor Almério deu, que deveria ser dessa forma a certificação. Agora aquilo que você falou: - que a gente trabalha muito mais; estuda muito mais; realmente, mas ainda tem muita gente que acha que é mais fácil. Ontem mesmo teve a desistência de um aluno, e a gente pede uma justificativa, e ele disse: - eu não esperava que tivesse tanta coisa e fosse tão aprofundado, e que tivesse tanta coisa para estudar. Eu acho que no presencial mesmo que você não tenha lido tudo, você vai no sábado e o seu conhecimento e a sua experiência já te permite participar da discussão. Mas se você tem que escrever no fórum você precisa ler.

MLMC: Até a questão da didática, você não está com o aluno presencial, mas está acompanhando com ele o tempo todo. Você tem todos os indicadores de participação. Então com a didática é mais fácil controlar. Mas a minha preocupação é como dosar isso. Pensando que hoje as pessoas têm várias atividades e elas ainda querem participar daquela.

ECB: Como eu falei tem a coordenação pedagógica da pós-graduação da professora Helena, do Sérgio. Eles prepararam todo o material da parte pedagógica, e daí, na preparação do material a gente tem a participação da Cristina Rubega. Ela elaborou vários textos, e junto com a Cecilia Canales e ela é a nossa colaboradora. Ela trabalhou com o professor Almério e a Monica. Tem os nossos professores das disciplinas da Cetec, e tem a professora Maria Alice que está coordenando. Ela é externa e está coordenando a parte pedagógica à distância, tem experiência disso: - da USP, e a professora Silvana que está coordenando toda essa parte da Cetec. Há uma preocupação nesse sentido. Agora a gente sabe que depende muito da disciplina de cada aluno. Eu confesso que eu mesmo faço parte das estatísticas daqueles que não termina. Daí a gente tem que se organizar muito.

MLMC: Dá oportunidade, mas se conseguirmos 50% é interessante por que ele sai desse curso e vai fazer outro, e é o que acontece com os nossos alunos. e não é só do ensino técnico. Eu participei de uma banca em fevereiro na UNICAMP, e constatei que 10% concluíram o curso. Pensei que isso era só na educação profissional, por que o aluno vai trabalhar. Nós temos que rever os nossos conceitos.

ECB: Nós sofremos com a evasão, por que na verdade eu acredito que o pouco que a pessoa fez, já é válido.

MLMC: Como acontece com os nossos alunos, eu acho essa lei 9496 fantástica. Eu acho importante ter ensino integral para quem pode fazer. Mas é importante ter o ensino modular, por que eu mesmo estudei em escola pública e eu queria muito ter feito ensino técnico. Mas na minha época era lá em Santo André, e eu tinha que trabalhar, e acabei fazendo o colégio à noite. E na faculdade, quem tinha feito curso técnico, o que eles tinham de conhecimento da prática, e eu aprendi muito com os meus colegas, por que eles tinham a prática experimental. Era uma questão de oportunidade naquele momento.

ECB: De qualquer forma até agora a gente tem pouquíssima gente que não está entrando na plataforma. Começamos o curso totalmente à distância. O presencial vai acontecer mais para frente. Agora uma coisa que eu acho importante é o trabalho do tutor. Ele tem vinte e cinco alunos e a atenção, que ele tem que dar para estes 25, é muito maior do que em sala de aula presencial. No curso à distância, se o aluno está quietinho, a gente tem que ir atrás dele. Então são vinte e cinco no corpo a corpo.

MLMC: Por isso que eu falo que a didática, em termos de estrutura, é muito mais fácil. E essa experiência, que você está passando para nós será muito interessante.

ECB: Acaba sendo uma formação também para o tutor. Eu acho que vai ser legal. O material está muito bom. A plataforma está muito legal. Foi contratada uma empresa para dar um designer a essa plataforma: - interativa. A gente teve uma experiência, o ano passado, com o EJA a distância também.

MLMC: E o curso foi bom?

ECB: Foi bom. A gente começou com 146 e terminou com 109. Não foram todos aprovados, mas terminamos com 109. Mas foi muito legal e teve uma avaliação bem boa, por parte das 40 horas presenciais e 160 a distância. A avaliação foi bem boa, e agora estou fazendo um levantamento: - o porquê das desistências?

MLMC: E a história da educação.

MLMC: Da mesma forma que a tecnologia tem mudado, a nossa evolução está acontecendo muito rápida.... Se nós nos organizarmos já estaremos cumprindo o nosso papel. Pode ser pequena a nossa contribuição, mas nós estamos tentando.

ECB: Parabéns para você que está firme nessa construção.

MLMC: Sou pupila da Julia Falivene, que me deixou essa incumbência.

ECB: E que seja sistemática que nem você.

MLMC: Acho que isso é por causa da engenharia.... A tecnologia só avança.... Muito obrigada.

ECB: Eu tenho que te agradecer.

MLMC: Vou passar para você ler, e a construção do texto faremos juntas, para depois fazer parte do nosso acervo. Vou escrever direto e depois a gente limpa o texto, dos cacoetes que a gente tem de linguagem.

Descritores

Adhemar Batista Heméritas
Almério Melquíades de Araújo
Cetec
Cooperativa escolar agrícola
Cecília Canale
Cristina Rubega
DISAETE
Educação à Distância
EJA a distância
Engenharia Agrônômica
Escola Agrícola
ESALQ
Eva Chow Belezia
Fatec SP
Formação de Professores
Helena Peterossi
História da educação
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Marisa Fumanti
Silvana Brenha
Taquarivaí
Unidade de Ensino Médio e Técnico
História da profissão docente
História oral na educação
Memórias do trabalho docente

Dados Biográficos da Entrevistada



Eva Chow Belezia possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz, Universidade de São Paulo (1973), graduação em Licenciatura em Ciências Agrônomicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1975) e mestrado em Educação pela Universidade Nove de Julho (2006). Tem Especialização em Administração Rural pela Universidade Federal de Lavras (1997), Cooperativismo e Desenvolvimento Local pelo Centro de Cooperação Internacional (Mashav) e Instituto Internacional para a Solidariedade e Desenvolvimento (Histradut) de Israel (2000), Economia Solidária e Desenvolvimento Local, pela Agencia de Desenvolvimento Social - ADS/CUT e Instituto de Psicologia da USP (2001), Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pela Universidade de Mondragón - Espanha (2002), Gestão Estratégica da Educação pelo Veris-IBTA (2010) e Agroecologia pelo Instituto Federal do Paraná (2013). Atualmente é professora da Etec Benedito Storani e coordenadora de projetos na Unidade de Ensino Técnico e Médio do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação profissional, atuando principalmente nos seguintes temas: cooperativa-escola, ensino profissional, cooperativismo, metodologias de ensino, Educação de Jovens e Adultos - EJA e gestão. Co-autora do livro Planejamento e Desenvolvimento do TCC (Fundação Padre Anchieta - Centro Paula Souza. 2011), autora do capítulo Metodologias de Ensino do livro Programa Especial de Formação Pedagógica (Centro Paula Souza. 2010) e coautora do livro Formação de Jovens e Adultos: (Re)construindo a prática pedagógica (2013). Endereço na plataforma lattes: <http://lattes.cnpq.br/5263354548814066>

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPemHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015) e Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem